

“Alba” e “Alma ausente”, de Federico García Lorca

Tradução e apresentação de André Luiz de Faria¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Frederico Garcia Lorca foi um dos maiores poetas, dramaturgo e prosistas espanhol nos anos de 1900. O influente autor integrou, ao lado de Salvador Dalí, Luís Buñuel e Rafael Alberti, um movimento artístico-cultural-literário bastante importante para sua época, conhecido como: a geração de 27. Lorca foi considerado um dos ícones do teatro espanhol do Século XX e um dos fundadores do Surrealismo na Espanha. Em 1921 publicou o *Livro de Poemas* e “Alba”, escrito em Granada no ano de 1919, é um dos poemas que fazem parte dessa obra. No caso de “Alma Ausente”, o poema é parte do poemário fúnebre “El llanto por Ignacio Sánchez Mejías”, escrito no ano de 1934 em homenagem ao seu amigo toureiro, Ignacio Sánchez Mejías, morto naquele mesmo ano. Tanto o primeiro, quanto o segundo poema, refletem elementos criativos presentes em toda trajetória do poeta andaluz. No caso de “Alma ausente” ele é a última parte de uma composição poética formada também por: *La cogida y la muerte* e *La sangre derramada y Cuerpo presente*.

Alba

Federico García Lorca

Meu coração oprimido sente junto a alvorada a dor de seus amores

e o sonho das distâncias. A luz da aurora semeia nostalgias
e a tristeza sem olhos da medula da alma.

A grande sepultura da noite seu veu negro levanta para ocultar com o dia
o imenso topo estrelado

que farei eu sobre estes campos colhendo ninhos e ramos, rodeado pela aurora

¹ Mestrando em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. E-Mail: dedefaria1@hotmail.com.

e cheia de noite e alma! Que farei se tens seus olhos mortos e as luzes claras
e não há de sentir minha carne o calor de teus olhares!

Por que te perdi para sempre naquela tarde clara?
Hoje meu peito está seco como uma estrela apagada.

Alba

Federico García Lorca

Mi corazón oprimido siente junto a la alborada el dolor de sus amores
y el sueño de las distancias. La luz de la aurora lleva semillero de nostalgias
y la tristeza sin ojos de la médula del alma.
La gran tumba de la noche su negro velo levanta para ocultar con el día
la inmensa cumbre estrellada.

¡Qué haré yo sobre estos campos cogiendo nidos y ramas,
rodeado de la aurora
y llena de noche el alma!
¡Qué haré si tienes tus ojos muertos a las luces claras y no ha de sentir mi carne el calor
de tus miradas!

¿Por qué te perdí por siempre en aquella tarde clara?
Hoy mi pecho está reseco como una estrela apagada.

Alma ausente

Frederico García Lorca

Não te conhece o touro nem a figueira,
nem cavalos nem as formigas da tua casa.
Não te conhece o menino nem a tarde
porque morrestes para sempre.

Não te conhece o lombo da pedra,
nem o raso negro onde te destroças.
Não te conhece tua muda recordação
porque morrestes para sempre.

O outono virá com caracóis,
uva e nevoeiro e montes agrupados,
mas ninguém quererá olhar seus olhos
porque morrestes para sempre.

Porque morrestes para sempre,
como todos os mortos da Terra,
como todos os mortos que se esquecem
em um monte de cachorros apagados.

Ninguém te conhece. Não. Mas eu canto você.
Mais tarde eu canto para teu jeito e tua graça.
A maturidade ilustre de teu conhecimento.
Teu apetite de morte e o gosto da tua boca.
A tristeza que teve tua valente alegria.

Demorará muito para nascer, se nascer,
um andaluz tão iluminado, tão aventureiro.
Eu canto sua elegância com palavras que gemem
e recordo uma brisa triste pelas oliveiras.

Alma ausente

Frederico García Lorca

No te conoce el toro ni la higuera,
ni caballos ni hormigas de tu casa.
No te conoce el niño ni la tarde
porque te has muerto para siempre.

No te conoce el lomo de la piedra,
ni el raso negro donde te destrozas.
No te conoce tu recuerdo mudo
porque te has muerto para siempre.
El otoño vendrá con caracolas,
uva de niebla y montes agrupados,
pero nadie querrá mirar tus ojos
porque te has muerto para siempre.
Porque te has muerto para siempre,
como todos los muertos de la Tierra,
como todos los muertos que se olvidan
en un montón de perros apagados.
No te conoce nadie. No. Pero yo te canto.
Yo canto para luego tu perfil y tu gracia.
La madurez insigne de tu conocimiento.
Tu apetencia de muerte y el gusto de su boca.
La tristeza que tuvo tu valiente alegría.
Tardará mucho tiempo en nacer, si es que nace,
un andaluz tan claro, tan rico de aventura.
Yo canto su elegancia con palabras que gimen
y recuerdo una brisa triste por los olivos.